

Info IASFA



SANTO
CONDESTÁVEL



Instituto de Ação Social das Forças Armadas, I. P.

Info IASFA

JANEIRO 2012

FICHA TÉCNICA

Diretor

António Luís Faria Martins

Fotografia

Paula Pires
Centros de Apoio Social

Coordenação e Composição

Patrícia Filipa Moura Morais dos Reis

Conceção Gráfica e Paginação

Patrícia Filipa Moura Morais dos Reis

Impressão e Acabamento

Página Impar

Propriedade, Redacção e Publicidade

IASFA
R. Pedro Nunes nº 8
1069-023 LISBOA
Tel: 213194600
Fax: 213572276

Periodicidade

Semestral

Tiragem

30 000 exemplares

Depósito Legal

277880/07

CONTACTOS ÚTEIS

IASFA
Tel: 213194600
Fax: 213562595
relpub@iasfa.pt
www.iasfa.pt



Capa: CAS Oeiras

ÍNDICE

3 Editorial

4 CAS Oeiras - Cerimónia comemorativa do “Dia do IASFA” e baptismo do Restaurante D. Nuno

Reflexões sobre São Frei de Santa Maria Álvares Pereira, um Santo para o nosso tempo

7 Parque Habitacional do IASFA

Protocolos Celebrados com o IASFA

EDITORIAL

Meus Amigos e Amigas

Há dias fui confrontado, por Beneficiários do IASFA, I. P., para a necessidade de se saber a verdade sobre questões várias da nossa vida interna, já que alguns rumores os afligiam.

A quem não afligem os rumores?!

Há que tentar evitá-los ou, no mínimo, controlá-los, procurando respostas, por nós próprios e através dos nossos sentidos, sabendo nós, por paradoxo, que mesmo eles nem sempre nos informam com verdade.

Saber a verdade sobre questões que interessam à vida dos Beneficiários, o mesmo é dizer, a todos os militares no ativo, reserva, reforma e famílias, no âmbito da Ação Social Complementar e da Assistência na Doença, não é uma questão simples, tanto ela se prenda com informação. Uma informação que nos aparece ora em excesso, com justificações escusadas, ora em défice, sem avaliação da sua ausência, ora com erros, ainda que sem intencionalidade, mas frequentemente com uma abrangência e uma dimensão de globalidade até aqui dificilmente percecionada.

Será, pois, natural que, no futuro, nem todas as nossas atuais regras se mantenham, mas não se pode garantir se melhores, se piores.

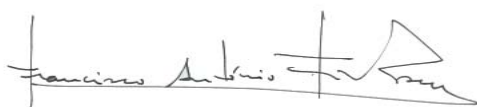
Atrevo-me a acrescentar uma palavra de eventual ânimo e esperança, com a Vossa condescendência, em breves notas com tonalidades limites.

Noto que a doença, quando nos perturba e aflige, convive com a possibilidade da cura, constituindo esta, uma esperança prioritária; noto que a velhice, arrastando fragilidades diversas, nos dá o tempo para o desenvolvimento sábio da compreensão das dúvidas tão difíceis de alcançar noutros períodos da vida; noto que a incerteza do dia e hora da morte, na inevitabilidade do seu acontecimento, não nos tira o prazer enorme, da vida.

Porque ninguém nos diz como será o dia de amanhã, parece-me não haver necessidade de antecipar qualquer tipo de ansiedade!

Pensemos antes que tudo o que nos rodeia, em especial o amigo, reage ao nosso olhar de procura e de interrogação, podendo, nesta prática, serem vislumbrados momentos de alguma certeza e bem estar únicos, não eternizáveis porém, porque somos limitados e finitos.

O PRESIDENTE DO CONSELHO DIRETIVO



FRANCISCO ANTÓNIO FIALHO DA ROSA
Tenente-General

CAS OEIRAS

CERIMÓNIA COMEMORATIVA DO “DIA DO IASFA” E BATISMO DO RESTAURANTE D. NUNO

No dia 17 de junho de 2011, celebrou-se o “Dia do IASFA” nas instalações do CAS Oeiras.

Aproveitou-se esta data festiva para se proceder ao batismo do Restaurante D. Nuno.

Na Cerimónia que decorreu no Auditório a seguir à alocução do Diretor do CAS Oeiras, procedeu-se à leitura da mensagem do Presidente do CD/IASFA.

Assistiu à entrega de Louvores, bem como, a uma apresentação alusiva à figura de D. Nuno Álvares Pereira, efetuada pelo Senhor COR Valente dos Santos.

No final da mesma, efetuou-se junto ao Restaurante, o descerramento do painel de azulejo alusivo ao novo topónimo acompanhado de um Porto de Honra, ao que se seguiu um almoço no Restaurante D. Nuno.

Serviu-se o almoço num ambiente muito agradável onde manifestamente existia boa disposição e no qual os homenageados estiveram presentes.

A alegria e a comunicação foram o tom que sobressaiu nesta iniciativa.



Reflexões sobre São Frei de Santa Maria Álvares Pereira, um Santo para o nosso tempo

(Apresentação alusiva à figura de D. Nuno Álvares Pereira, por COR Valente dos Santos)

(...)

O momento convida à evocação da excecional qualidade moral desta personagem ilustre, na dupla qualidade de guerreiro e monge, exemplo a considerar na atual circunstância nacional.

D. Pedro I, oitavo rei da dinastia afonsina, reinava em Portugal quando, na festa litúrgica de S. João Batista, a 24 de junho de 1360, nascia, talvez em Cernaje do Bonjardim, Nuno Álvares Pereira, filho ilegítimo do Frei Álvaro Gonçalves Pereira - Prior do Crato, cavaleiro dos Hospitalários de S. João de Jerusalém - e de D. Irina Gonçalves do Carvalhal.

O Prior do Crato que merecia a melhor atenção de D. Afonso IV, pai de D. Pedro I pelo comportamento valoroso que tivera na batalha do Salado, bastante interessado na

astronomia, era amigo do idoso e conceituado mestre Tomás, afamado em ler horóscopos, a quem solicitou a predição da sorte do recém-nascido que lhe foi resumida a três palavras “guerreiro, invencível, santidade”.

O facto, curioso, talvez possa indiciar a sua atenção paternal com a educação deste filho.

Cerca de um ano depois do nascimento, o menino foi legitimado por decreto real, podendo assim receber a educação cavaleiresca própria de gente nobre.

Aos 13 anos foi bem aceite na corte como pajem da rainha D. Leonor e pouco depois conquistava brilhantemente o estatuto de cavaleiro.

Aos 16 anos, em obediência à vontade materna casou, a 15 de agosto de 1376, com D. Leonor de Alvim, jovem viúva e poderosa fidalga de Santa Maria de Pedraça, de quem teve três filhos, dois varões que morreram cedo e uma donzela, Beatriz que viria a desposar D. Afonso, filho bastardo de D. João I.

D. Fernando apercebendo-se entretanto dos perigos da Paz assinada em Santarém, negociou com o rei vizinho o casamento da filha, D. Beatriz, com o herdeiro da coroa castelhana.

A morte precoce da rainha castelhana levou contudo ao casamento da infanta portuguesa com o próprio rei de Castela.

Para salvaguardar a independência de Portugal foi assinado o tratado de Salvaterra de Magos em 21 de abril de 1383.

O compromisso patriótico de D. Nuno foi desencadeado pela morte de D. Fernando, a 22 de outubro de 1383, em período que exigia necessidade urgente da independência do reino ser reconquistada.

O tratado de Salvaterra de Magos desinquietou o reino e cindi-o em duas partes.

Consideraríamos hoje, talvez de modo apressado, traidores os que alinharam por D. Beatriz, mulher do rei de Castela, mas a razão da escolha não foi tão simples.

Apesar de se sentir diferença entre os vizinhos ibéricos, evidente na necessidade de se guardar e defender o que era de cada um, o conceito moral de Pátria não existia formalmente e por isso não era bem claro nem estava assimilado pelos espíritos da época.

A dinastia para muitos, garantia conveniente expressão histórica expressa na legitimidade real - julgada de acordo com o tratado de Salvaterra e conforme às regras em vigor - do lado de D. Beatriz.

Para outros, o sentido da identidade nacional ganhava força pois Portugal era um conjunto de pessoas, uma Nação, com identidade e vontade próprias.

O povo só de descobre como tal quando tem que vencer coletivamente uma provação que a todos interessa.

As duas fases da vida de D. Nuno, como guerreiro, na qualidade de condestável do Reino e depois como monge carmelita, têm provocado perplexidade aos menos atentos ou avisados no nosso passado coletivo, uma vez que a fama de santidade pode ser minorada pela gesta guerreira.

Vamos procurar analisar o assunto em função da sua cir-

cunstância, isto é, em atenção ao seu tempo e sentir da época.

Voluntarioso, idealista, de inteligência viva e vincada personalidade, viveu a juventude em ambiente que auxiliou uma formação de vincado pendor misticista, próprio da época.

O modo de ser e sentir, caracterizado por forte exaltação cavalheiresca e religiosa, era contido por invulgar ponderação e elevada exigência moral.

A qualidade do seu comportamento resultava da prática diária que sem hesitação praticou ao longo da vida.

Começou por ser um rapaz enérgico e corajoso com invulgar talento guerreiro.

Místico e generoso assumiu a responsabilidade de comandar pelo exemplo, empolgando e conduzindo os companheiros à vitória pelo entusiasmo e determinação.

Com a idade vieram a ponderação, a clareza dos propósitos, a prática da disciplina e a inteligência das decisões que o nortearam nas ações que foi empreendendo.

Reuniu com acerto, escassos meios e vontades disponíveis, por vezes contra a opinião geral e com eles realizou obra que firmou a nacionalidade.

Foi o líder certo nos momentos incertos.

A crise de 1383-1385 iniciou um longo período de confrontos com Castela, tendo Portugal saído vencedor das batalhas de Atoleiros, Trancoso, Real (também chamada de Aljubarrota) e Valverde, ficando a independência consolidada com a assinatura da paz com Castela em 1411.

Numa perspetiva pouco conhecida, por esclarecer, diremos que D. Nuno não executou ações guerreiras nem comandou força de “mal querer”, mas atuou em guerra de fidelidade.

Não guerreou particularmente contra Castela, mas a favor da unidade da Igreja, uma vez que Portugal tinha optado pela obediência ao papa de Roma, Urbano VI, face ao antipapa de Avinhão, Clemente VII.

A entrega do reino à coroa de Castela poria Portugal em situação cismática, face ao Cisma do Ocidente que durou 39 anos (1378 - 1417).

A Santa Sé ao verificar a seriedade o propósito de Portugal aderiu à revolução de 1383-1385 e concedeu-lhe o direito ao título de Nação Fidelíssima.

O resultado das campanhas que travou foi fruto da disciplina de outra natureza, que exigia aos companheiros de armas virtudes e saberes próprios de guerreiros, mas sobretudo a afirmação inequívoca de virtudes morais, “que mais que soldados fossem homens e cristãos”.

D. Nuno considerava que a guerra travada devia ser “uma querela justa em defender a nossa terra e os nossos bens de quem as queria tomar pela força, contra Deus e contra o direito”.

O confronto guerreiro é um ato em que a paixão tem primazia sobre a razão, sendo difícil manter no calor da refrega o discernimento e são critério, de modo a evitar excessos que causem sofrimento e males desnecessários.

A atitude invulgar, sobretudo em tempo comandado pela

razão da força, está registada em inúmeras fontes coevas de onde respigaremos alguns factos relatados em saboroso linguajar medieval:

- “cuidava dos prisioneiros e feridos, não permitia que a sua gente danificasse aldeias ou searas e protegia mulheres, crianças e pobres”;
- Certa vez, durante quatro meses, por ocasião de grande carestia, alimentou à sua custa 400 castelhanos, distribuindo 6.400 alqueires de trigo;
- Outra vez “mandou soltar uns noivos que companheiros haviam aprisionado e fez a sua festa e ofício, cantando os seus nela.

Ele mesmo tomou parte na celebração da boda dizendo que assim cumpriu de se fazer, pois o casamento era um dos sacramentos da Santa Igreja”.

A fama de D. Nuno, em particular do seu comportamento, mesmo junto dos castelhanos, deu origem ao episódio que gostosamente partilhamos:

“Certo dia ao anoitecer, quando D. Nuno estava na região de Cáceres, uma dezena de escudeiros castelhanos o procurou sem sinal de resguardo ou de segurança”.

Disse-lhes D. Nuno “fostes ousados ao virdes sem primeiro haverdes seguro”.

Ao que eles responderam: “Senhor, em atrevimento da vossa grã bondade e muitas virtudes que Deus em vós pôs, fomos ousados de vir ante vós”.

E que desejavam dele? Nada, voltaram a responder, nada que não outra coisa senão somente vê-lo, como já o havemos visto.

Se D. Nuno não tivesse existido, animado pela fé e pela heroicidade da sua atitude, a Nação portuguesa poderia ter desaparecido em finais do séc. XIV.

O sentir nacional, na altura ainda mal definido, ancorado no amor à terra de Portugal deu origem à necessidade de a defender “de todo o dano”

A consciência viva da nacionalidade para vingar necessitava de um chefe exemplar com personalidade forte que soubesse calar as diferenças e disciplinar o esforço de todos em torno de uma causa comum configurada no líder providencial coevo, D. Nuno Álvares Pereira.

Oliveira Martins considerou D. Nuno como “a mais nobre, a mais bela figura que a Idade média nos deixou” e Eça de Queiroz definiu-a “de incomparável grandeza”.

O entendimento da aparente relutância de D. Nuno em contrair matrimónio obriga a referir a época como tempo da Cavalaria, consubstanciada pelo Concílio de Clermont que determinava que toda a pessoa de nascimento devia aos 12 anos jurar solenemente, perante um bispo “a defender até ao fim os oprimidos, as viúvas, os órfãos e que todas as mulheres de nobre nascimento, deviam merecer cuidado especial”.

O cavaleiro, no princípio, preocupava-se quase só com as manhas da guerra, enriquecido depois com a defesa do Evangelho e dos fracos, dando origem a nova e depurada conceção do cavaleiro, que orientava a conduta pelas virtudes da cavalaria, consideradas nas prioridades primária (natureza guerreira), secundária (religiosa), terciária (so-

cial), assim como verdade, confiança, respeito pela palavra dada e fidelidade a compromissos assumidos cuja omissão era considerada grave e por isso indesculpável.

É curioso notar que em época tão confusa em preceitos morais, a cavalaria tenha contribuído de modo tão decisivo para a formação dum novo estilo de vida castrense.

A cavalaria, autêntica paixão para muitos jovens, era alimentada por famosas novelas de cavalaria que referiam figuras, reais ou fantasiadas, de ilustres guerreiros, que montados em corcéis velozes, partiam à procura de aventuras edificantes.

A pureza aproximou D. Nuno de Galaaz tornando-o capaz de guardar em todos os momentos a solidez dos seus sentimentos na perene juventude do coração, expressa em desinteressada e generosa frescura que sempre o distinguiram.

Oliveira Martins referiu “ A sua fé em Deus era chama em que ardia a sua dedicação patriótica e energia de guerreiro. A religião era a raiz, virtude, coragem, civismo e ramos da sua vida, iniciada pela revolução mística da cavalaria”.

Os dotes guerreiros de D. Nuno eram acompanhados por espiritualidade sincera, profunda, sendo o Amor pela Eucaristia e pela Virgem Maria a trave mestra da vida interior.

Assíduo à oração mariana, jejuava em honra da Virgem Maria às quartas e sextas-feiras, aos sábados e nas vigílias das suas festas.

Assistia diariamente a duas missas e recebia a eucaristia nas maiores solenidades.

O estandarte que elegeu como insígnia pessoal trazia a imagens do Crucificado, de Maria e dos cavaleiros S. Tiago e S. Jorge.

Enquanto os seus festejavam ruidosamente a vitória das armas, peregrinava aos santuários mais próximos como fez em Atoleiros onde no dia seguinte, descalço, foi render louvores ao Altíssimo em Santa Maria de Assumar (próximo de Monforte), assim como antes e depois da batalha Real foi encomendar e agradecer a Santa Maria de Seíça, do condado de Ourém. Após Valverde onde rezou, lutou e venceu mandou edificar o Mosteiro da Nossa Senhora do Vencimento no Carmo.

D. Nuno, após ter participado na conquista de Ceuta, com 63 anos, decidiu professar a 15 de agosto de 1423.

Ao ser admitido no convento do Carmo repartiu tudo o que era seu, perdoou as dívidas e ficou sem nada, trocou a seda pelo burel e recolheu ao isolamento da cela.

No convento praticou vida simples e austera ao serviço da fraternidade aos mais necessitados, esmolando sete anos pelas ruas da capital do reino.

Ao morrer no domingo de Páscoa, 1 de abril de 1411, perante a família real em pranto, os sinos tocaram a finados, ocorrendo enorme multidão chorosa que bradava ter morrido o Santo Condestável.

A canonização de D. Nuno, promovida sete anos após a sua morte por D. Duarte e prosseguida pela ordem do Carmo deparou com numerosos obstáculos.

O padre Anastásio Ronci, apostulador geral dos carmeli-

tas, introduziu em 1918 o processo “de tempos imemoriais”, para o culto de D. Nuno, concluído em 23 de dezembro de 1918 com o decreto “Clementissimus Deus” do Papa Bento XV, que o escolheu como exemplo os militares que combatiam na I guerra Mundial.

As suas relíquias foram transladadas numerosas vezes do sepulcro original para a igreja do Carmo.

O postulador geral da ordem, padre Filipe Amenos e Bonet, conseguiu a reabertura da causa, graças ao milagre ocorrido em 2.000.

O Cardeal Patriarca de Lisboa, a 23 de janeiro de 2003, presidiu na igreja do Carmo, à cerimónia da reabertura solene do processo de canonização do Beato Nuno e a 2 de abril do mesmo ano, na igreja do Santo Condestável, em Lisboa, ao encerramento e envio do processo de canonização à Santa Sé em Roma.

Após concluídas as investigações necessárias e durante o Consistório de 21 de fevereiro de 2009, o Papa Bento XVI determinou que o Beato Nuno fosse inscrito no álbum dos Santos, em 26 de abril de 2009.

A cerimónia de canonização, teve lugar na praça de S. Pedro, em conjunto com outros três beatos.

A finalizar não podemos deixar de referir a circunstância em que vivemos, marcada por uma sociedade de rápido desenvolvimento técnico - científico que apenas considera e valoriza a vertente materialista que incentiva uma profunda desumanização do Homem com um precoce desenraizamento afetivo, social e cultural.

O consumismo, o egoísmo irresponsável e a desarmonia, agravados por vaidade e ambição desmedidas, originam um comportamento anómalo, marcado pela ausência de valores éticos, em que tudo existe em obediência a injustos e inconfessados interesses pessoais.

O Homem parece perdido de raízes, passado e sentimentos.

Face a este triste e preocupante panorama de crise, seria oportuno e sensato aproveitar o exemplo que acabamos de partilhar para refletir em conjunto rever a conduta pessoal, ética e social ética, conforme nos recorda Fernando Pessoa em versos esclarecidos

*Esperança consumada
São Portugal em ser
Ergue a luz da rua espada
Para a estrada se ver.*

A terminar vou deixar alguns temas de reflexão: É preciso acreditar que a esperança é possível, a solidariedade necessária e ter presente que quando o povo passa fome o rei não pode comer faisão.





Parque Habitacional do IASFA

O Instituto de Ação Social das Forças Armadas é detentor de um vasto parque habitacional, na sua grande maioria constituído por edifícios cujos fogos se destinam a arrendamento aos beneficiários em regime de renda económica.

Os edifícios em causa têm, na sua generalidade, idades entre os 40 e os 50 anos pelo que, quer nas suas partes comuns quer ao nível dos fogos que os constituem, têm apresentado, nos últimos anos, problemas de natureza diversa, próprios de construções com aquele número de anos.

Perante esta situação e sendo certo que os orçamentos disponíveis são sempre escassos e que nos últimos anos essa escassez se tem vindo a agravar, houve que definir prioridades, tendo-se optado por exercer o esforço nas partes comuns dos edifícios, em particular nos casos de suspeita da existência de risco para pessoas e bens ou em que se verifica interferência significativa com as condições de habitabilidade dos imóveis. Em conformidade com esta opção têm sido executadas, nos últimos dois/três anos, diversas intervenções de recuperação de coberturas e fachadas incluindo, em alguns casos, a substituição de caixilharias. Este tipo de intervenção continuará a merecer a maior prioridade no que respeita às obras a executar em 2012.

Com este tipo de obra, em que se procede à reabilitação da envolvente exterior dos edifícios, criam-se, em simultâneo, melhores condições para a futura reabilitação de fogos devolutos. Estes, na generalidade dos casos, carecem de intervenções profundas tendo em vista a sua recuperação. Neste âmbito, as anomalias mais relevantes que vêm sendo notadas relacionam-se com o desgaste/mau estado do revestimento dos pavimentos e paredes, mobiliário das cozinhas e caixilharias e também com a degradação/desatualização das redes domiciliárias de água, esgotos e eletricidade.

Crê-se que a partir de 2013 haja condições para a redução do investimento na vertente em que o mesmo tem incidido e para o redireccionamento de uma sua parte para outras áreas, designadamente na reabilitação de fogos devolutos.

Protocolos celebrados com o IASFA

Educação



Apoio Domiciliário



Casas de Repouso



Apoio na Saúde



Automóveis



Outros

